



ONCE UPON A TIME... AGAIN?

Uma profunda recessão econômica atingiu globalmente o sistema capitalista no final da década de 20 e foi responsável pela Grande Depressão. As principais causas da crise foram a superprodução e a especulação financeira, oriundas do padrão de vida dos norte-americanos nas primeiras décadas do século 20, já que os EUA surfavam na elevada prosperidade econômica, pleno emprego e indústria em rápida expansão que estimulavam o consumo e a imensa ampliação do crédito. Estabelecido esse “cenário econômico de ouro”, o investimento crescente no mercado financeiro impulsionava também desordenada especulação.

Outrossim, o insuficiente incremento da massa salarial não conseguia acompanhar a turbinada atividade econômica, enquanto a super oferta de bens e mercadorias enfrentava baixa demanda, frente ao comprometido poder de compra do consumidor. Pois bem, com a Quinta-feira Negra, veio então o *crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, quando enxurrada de investidores venderam simultaneamente suas ações e provocaram o caos.

Naquela época, o PIB despencou, o desemprego chegou em massa, a balança comercial e o setor financeiro se desestabilizaram, a produção industrial submergiu, os salários minguaram, milhares de empresas faliram e muitos investidores, da noite para o dia, perderam todo o patrimônio.

Para reagir a crise, o presidente Franklin Roosevelt pôs em prática o New Deal, programa inspirado nas proposições do economista John Keynes, e investiu bilhões de dólares em obras públicas para geração de emprego e poder aquisi-

tivo, garantiu renda básica e fixou o seguro-desemprego, concedeu crédito agrícola para os pequenos produtores, além de outras ações que, nesse século 21, certamente seriam consideradas controversas. O balanceamento das medidas não visava somente a recuperação do emprego, mas o estabelecimento de um compasso entre o crescimento do sistema produtivo e o nível salarial dos trabalhadores, enquanto a produção se pautaria pelo ritmo do consumo, com base no poder de compra e no tempo transcorrido na aquisição das mercadorias. Em resumo, a distribuição de renda revelou-se de importância fundamental.

Pois bem, a recente pandemia

de multiplicação do vírus.

De acordo com a OMS, a principal medida para mitigação do colapso hospitalar é o isolamento social ou “quarentena” domiciliar, fenômeno que restringe drasticamente o deslocamento das pessoas (trabalhadores e consumidores), consideradas o ativo mais valioso dos empreendimentos pós-modernos, cujo confinamento compromete sobremaneira a produção e o consumo de bens, mercadorias e serviços. Esse ciclo vicioso poderá, de novo, levar o PIB a despencar? O desemprego chegar em massa? A balança comercial e o setor financeiro se desestabilizarem? A produção industrial submergir? Os salários minguarem? Milhares de



PARECE QUE OS “AUTO-INTITULADOS” LÍDERES CONTEMPORÂNEOS TERÃO DE BUSCAR O EQUILÍBRIO ENTRE AS FALÊNCIAS E OS FALECIDOS

do novíssimo Covid-19 vem impondo grande aflição física e psicológica, por sua capacidade exponencial de transmissão e elevada letalidade nos grupos considerados de risco (por enquanto doentes crônicos, imunodeprimidos, transplantados e idosos), apesar dos postulados científicos sustentarem que, ultrapassada a marca de 50% da população infectada, diminui a veloci-

dades falirem e muitos investidores, da noite para o dia, perderem todo o patrimônio? Parece que os “auto-intitulados” líderes contemporâneos terão de buscar o equilíbrio entre as falências e os falecidos.

“Virão tempos difíceis” (2º. Timóteo, 3), tempo de recolhimento oportuno para repensar a vida, e quem sabe, tempo para amar mais a Deus e ao próximo do que aos prazeres. ■

▼
Ariovaldo Zani
é médico veterinário,
professor do MBA
PECEGE/
ESALQ/USP

Gabriel Zani
é historiador